

Linguagem, racismo, poder e carnavalização: uma análise dialógica de charges /

Language, racism, power and carnivalization: a dialogic analysis of cartoons

Niege da Rocha Guedes^{1*}

Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Agreste Pernambucano (UFAPE). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

 <https://orcid.org/0000-0002-8114-2355>

Manoel Klebson de Andrade Oliveira^{2**}

Professor no Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO). Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade Católica

 <https://orcid.org/0000-0001-5496-396X>

Eduardo Barbuio^{3**}

Professor de Língua Inglesa na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

 <https://orcid.org/0000-0002-2891-0095>

Diana Vasconcelos Lopes^{4***}

Professora de Língua Inglesa na Universidade Federal do Agreste Pernambucano (UFAPE). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

 <https://orcid.org/0000-0003-31661170>

Recebido em: 22 mai. 2022. **Aprovado** em: 07 ago. 2022.

1*

niege.guedes@ufape.edu.br

2**

manoel.2021800089@unicap.br

3***

eduardo.barbuio@ufrpe.br

4****

diana.lopes@ufape.edu.br

Como citar este artigo:

GUEDES, Nieve Rocha. OLIVEIRA, Manoel Klebson Andadre. BARBUIO, Eduardo. LOPES, Diana Vasconcelos. Linguagem, racismo, poder e carnavalização: uma análise dialógica de charges. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 3, p. 77-96, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8152566>

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a linguagem numa perspectiva dialógica, como fenômeno ideológico, enquanto produto social e sua relação com quem detém o poder nas instituições sociais, visto que ela é condicionada pelas organizações sociais, que a utilizam para realização dos seus interesses socioideológicos, apresentando uma ordem considerada estável pela sociedade. Buscamos mostrar como alguns desses interesses são questionados e como é proposta uma nova ordem no gênero charge a partir da linguagem carnavalesca, que incita o leitor a refletir sobre sua realidade. Para tanto, selecionamos duas charges que têm em comum denúncias de injustiças sociais e raciais. Como fundamento para a análise, utilizamos noções da teoria dialógica como linguagem, contexto, ideologia, relações dialógicas, enunciado e carnavalização. A análise mostra que o uso da carnavalização deixa evidente o racismo presente na sociedade, as relações de poder e, ao mesmo tempo, as injustiças cometidas por quem detém o poder na sociedade contra as minorias, instigando o leitor a refletir sobre essas questões e a se posicionar frente a elas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Poder; Carnavalização; Racismo; Charges.

ABSTRACT

This study aims to investigate language from a dialogical perspective, as an ideological phenomenon, as a social product and its relationship with those who hold power in social institutions, as it is conditioned by social organizations, which use it to fulfill their socio-ideological interests, presenting an order considered stable by society. We seek to show how some of these interests are questioned and how a new order in the cartoon genre is proposed based on carnivalesque language, which encourages the reader to reflect about its reality. Therefore, 02 cartoons were chosen at random, but which have in common the denunciations of social and racial injustices. We use notions from dialogic theory such as language, context, ideology, dialogic relations, enunciation and carnivalization. The analysis shows that the use of carnivalization makes evident the racism present in society, power relations and, at the same time, the injustices committed by those who hold power in society against minorities, prompting the reader to reflect about these issues and to stand for them.

KEYWORDS: Language; Power; Carnivalization; Racism; Cartoons.

1 Introdução

A linguagem é essencialmente dialógica e, enquanto viva no meio social, expressa valores. O enunciado concreto, por exemplo, é repleto de avaliações, por isso acreditamos, a partir do que postula Volóchinov (2019 [1930]), que tudo que é falado é ideológico, pois está impregnado por nossas opiniões e avaliações, por isso não há neutralidade em nossos discursos. É a interação social que dá significado ao enunciado. Dessa maneira, a soma das vivências, das experiências com o outro, dos diálogos cotidianos é que determinará as escolhas linguísticas e o que será proferido. Assim, Bakhtin (2015 [1934-1935]) afirma que a linguagem se forma e vive num meio dialógico, ou seja, num clima de já-ditos e de responsividade, carregada de ideologia, e que ela se desenvolve em sociedade.

No percurso deste trabalho, buscaremos discutir como os enunciados estabelecem as relações de poder na sociedade, uma vez que, por serem ideológicos, expressam os valores de cada esfera social, na qual os falantes estão inseridos. Ademais, será discutida a carnavalização no gênero charge,

utilizada para denunciar e criticar a violência e as injustiças sociais contra os cidadãos negros marginalizados. Essa carnavalização, na verdade, expressa uma reflexão sobre a ordem no mundo real, sugerindo uma ordem contrária ao factual por meio de críticas presentes no gênero charge, que têm como propósito instigar reflexões sobre a realidade vivenciada pelos leitores, utilizando-se da ironia e do sarcasmo. Além disso, esse gênero denuncia questões econômicas, sociais, políticas consideradas normais para a sociedade e propõe com isso uma nova forma de se perceber essas questões.

Este estudo, portanto, leva-nos a refletir sobre a linguagem no sentido mais amplo, como fenômeno ideológico, enquanto produto social, em sua relação com o poder, visto que ela é condicionada pelas organizações sociais. Essa linguagem pode também questionar e criticar relações entre grupos desiguais na sociedade e atitudes utilizadas por quem está no poder para continuar nele – no caso das charges analisadas, a opressão contra o negro fica evidente. Por meio da carnavalização, as charges propõem uma nova forma de viver, diferente da atual, e mostra como a sociedade é injusta e seletiva na prática da justiça.

2 Linguagem e poder

A linguagem tem sido um tópico atraente para estudo desde a antiguidade até os dias de hoje, desde que o homem tomou consciência de que nosso bem-estar depende dela e de que ela também pode ser usada para manipular e manter no poder quem já se encontra nele. Por essa razão, quando falamos em poder e manipulação, neste trabalho, acreditamos que quem está no poder sobrepõe sua ideologia e seus interesses às demais esferas sociais.

É importante ressaltar também que *poder* será considerado, neste trabalho, como questão central de toda sociedade, que dirá quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído, como afirma Souza (2019). Ademais, esse poder é legitimado por meio dos discursos das estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade, conforme Almeida (2019).

Voltando à questão da linguagem, ela é concebida como acontecimento, como diálogo.

[A linguagem] funciona de formas diversas dependendo da relação diferenciada com o extraverbal e do horizonte no qual ela se encontra ou nós a colocamos na leitura, sendo fundamentalmente heterogênea. Em outras palavras, o uso de unidades da língua vai fazer sentido de forma diferente em função das situações, dos contextos, dos enunciadores e dos modos de recepção (CUNHA, 2019a, p. 155).

Para Bakhtin (2016 [1979], p.44-45), “a palavra assim como a oração adquirem a capacidade de estabelecer a posição responsiva do falante quando se tornam enunciados plenos”. Uma vez determinados pelo contexto, esses enunciados suscitam respostas, pois estão emoldurados e delimitados pela alternância dos sujeitos do discurso, refletindo a situação extraverbal. O autor ressalta que “tanto a palavra quanto a oração enquanto *unidades da língua* são desprovidas de entonação expressiva. Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra” (grifos do autor) (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 49). É a entonação que dotará a palavra de sentido, pois a entonação é o condutor mais flexível e sensível das relações sociais. Dessa forma, o enunciado é uma avaliação social, como defende Volóchinov (2019 [1930]).

Além do mais, a palavra é um meio constantemente ativo e mutável de comunicação dialógica, “sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra” (BAKHTIN, 2018 [1963], p.232) e, por essa razão, a palavra já vem para o falante repleta de avaliações e de vozes de outros, afirma o autor.

Cunha (2019a) destaca que as palavras não têm significados fixos, pois elas são objeto de variação de sentidos, dependendo da situação comunicativa, da entonação, do contexto, dentre outros fatores que poderão interferir no sentido. Além disso, o modo de recepção também contribui para essa variação, uma vez que “não percebemos um discurso tal como ele foi produzido, pois somos ‘sujeitos’ singulares, não havendo coincidência entre nossos *backgrounds*, afetos, valores” (CUNHA, 2019a, p. 155-156).

Para Bakhtin (2015 [1934-1935]), as palavras são pronunciadas diferentemente dependendo da situação de interação, da camada social dos falantes, como também do dia socioideológico e político (pois os dias de hoje e de ontem não têm uma língua comum, defende o autor). Bakhtin (2016 [1979]) também afirma que a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida unicamente no contexto dialógico da própria época.

Com essas ideias, o filósofo russo nos apresenta a visão de linguagem social, de caráter dialógico e axiológico, e diversa, opondo-se à visão de uma língua única, “uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e centralização linguística” (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p.39). É importante destacar que, para Cunha (2019a, p.155), o diálogo é visto numa acepção bem ampla,

“como confronto de ideias, constitutivo de pensamento, do conhecimento social e humano, da compreensão, da comunicação e da vida humana”.

Segundo Bakhtin (2015 [1934-1935]), as palavras de uma língua não são neutras, porque vivem e se desenvolvem no discurso, que sempre varia em relação ao seu objeto. Assim, ao voltar-se para o objeto, o discurso concreto (enunciado) encontra-o já envolvido com avaliações, opiniões e acentos de outros, e entra nesse meio “dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios” (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p.48), afastando-se de uns, cruzando com outros, para formar com fundamento o discurso.

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p.49).

Assim sendo, a concepção do objeto do discurso também é dialógica. O falante não é o primeiro a falar sobre esse objeto do seu discurso, que inevitavelmente se torna “um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias etc.” (BAKHTIN, 2016 [1979], p.61). Porém, não apenas o objeto, mas todo o discurso, diz Bakhtin (2015 [1934-1935], p.52), “está voltado para uma resposta e não pode evitar a influência profunda do discurso responsivo antecipável”, ou seja, sempre responde aos enunciados que o antecederam.

O que vemos, com base nas ideias do filósofo russo, é que falamos a partir do já dito, inserindo nossas intenções, levando em conta o contexto. Desse modo, quando introduzimos as palavras do outro na nossa fala, elas são revestidas de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação (BAKHTIN, 2018 [1963]). E, embora no âmbito de um mesmo enunciado, a oração seja repetida, a cada vez, ela será “uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado” (BAKHTIN, 2016 [1979], p.79).

Além disso, nossa compreensão é ativa, pois falamos a partir de réplicas, que decorrem do trabalho individual dessa interpretação com reacentuações diversas. “A interpretação responsiva é uma força essencial que participa da formação do discurso, sendo ainda uma interpretação ativa, sentida pelo discurso como resistência ou apoio que o enriquecem” (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p.54).

Assim, é importante salientar que, por meio da linguagem, as pessoas se tornam conscientes e começam a agir e a se posicionar sobre o mundo, revelando valores individuais e, ao mesmo tempo, compartilhados pelos grupos sociais, que agem baseados nesse ponto de vista. Por isso a linguagem não pode ser vista como algo estático, mas em constante movimento, que se transforma e que é renovado a cada situação vivenciada. Essas situações são formadas e influenciadas pelo momento e pelo processo sociocultural em que estão inseridas.

Na concepção de Bakhtin (2016 [1979]), o “eu” se constrói em colaboração, ou seja, existe uma complementariedade de visões, compreensões e sensibilidades entre o eu e o outro. O pensamento do autor gira em torno desse eixo do eu e do outro, e da concepção de que a vida é vivida nas fronteiras entre a particularidade de nossa experiência individual e da experiência de outros.

Na discussão sobre o dialogismo como constitutivo da linguagem, compreendemos que, em todas as situações, o contexto determina a construção e a compreensão do discurso, pois a questão histórica e social é constitutiva do enunciado. Na linguagem, encontram-se “pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” (BAKHTIN, 2015 [1934-1935], p.67).

Logo, a palavra é ideológica⁵ e, nessa perspectiva, acreditamos que haverá situações em que, nas relações, existirá uma maior ênfase do poder no discurso de quem domina e pretende que esse poder (a mídia, as instituições sociais etc.) seja reconhecido.

Esse tipo de discurso é denominado por Bakhtin (2015 [1934-1935]) de discurso autoritário, pois ele se impõe a nós e não se funde com outros discursos, é apenas transmitido. Por essa razão, esse tipo de discurso não é aberto, como o discurso interiormente persuasivo, cuja composição é metade minha e metade do outro, mas é fechado e se limita à “sua palavra”.

No que diz respeito ao poder, Almeida e Oliveira (2016, p.33) afirmam que “a palavra é um dos principais instrumentos de poder”. Já que elas são ideológicas, servem aos diferentes propósitos comunicativos, inclusive, como elemento de dominação das autoridades sobre os menos favorecidos. Cunha (2017) também ressalta que as palavras “são os julgamentos de valores que determinam o que falar, a seleção das palavras e sua distribuição na organização do enunciado” (CUNHA, 2017, p.97). Nessa perspectiva, podemos afirmar que a palavra se relaciona com a vida, porque surge da situação

⁵ Neste trabalho, concebe-se ideologia como “todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma signica” (VOLOCHINOV, 2019 [1930], p.243).

extraverbal e conserva com ela o vínculo mais estreito, sendo “um fenômeno ideológico *par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.77). Dessa forma, a palavra é orientada para um destinatário e esse destinatário existe numa relação social clara com o sujeito falante, ele pertence a uma geração, um gênero e uma classe específicos, é alguém com mais ou menos poder do que o seu locutor, um interlocutor próximo ou afastado de seu locutor.

Dependendo de cada contexto ou situação comunicativa em que o falante está inserido, ele utilizará a palavra com um maior ou menor “grau de poder”, ou seja, ele adequará a palavra à situação de fala. Se for uma situação assimétrica facilmente identificável, o poder ficará mais evidenciado por parte daquele que tem um maior prestígio sócio-econômico-cultural. É o que acontece, por exemplo, nos textos divulgados pela grande mídia televisiva e da internet, uma vez que, com frequência, elas decidem quais atores e situações serão apresentados para o público, o que será dito a respeito deles e como será dito, o que (ou quem) deve ou não ser excluído. Já, numa relação aparentemente simétrica, é mais difícil identificar essa relação de poder.

Evidenciada a natureza relacional e dialógica do discurso, é importante compreender também esse processo da relação de poder, visto que o discurso é construído historicamente e recebe influências socioculturais fortíssimas que, se não compreendidas criticamente, podem constituir uma arma poderosa de domínio.

Os seres humanos são construídos pela linguagem enquanto indivíduos socialmente constituídos. Quando não existe uma autêntica comunidade de interesses entre eles, os discursos determinam as relações de poder e estabelecem, de certa forma, o funcionamento da sociedade. Esses discursos que muitas vezes circulam nas mídias sociais, como os discursos da/na imprensa.

Os discursos são constituídos por dizeres em constante interação, uns respondendo aos outros, em diferentes gêneros, sem que seja possível separar as fontes desse diálogo ininterrupto com dizeres atuais, de épocas anteriores e de domínios diversos (político, econômico, cultural etc.). Alguns são marcados e outros dissimulados no discurso do enunciador (CUNHA, 2019b, p.54).

As charges, por exemplo, utilizam-se da linguagem carnavalesca para dialogar com o factual e, ao mesmo tempo, criticar e levar o interlocutor à reflexão sobre uma determinada realidade.

3 A definição bakhtiniana de “carnavalização” e as charges

Apesar de existir uma relação de poder entre os discursos, Bakhtin (2018 [1963]) defende a liberdade, em detrimento do discurso oficial e do poder monológico, a partir do estudo que fez a respeito da carnavalização na literatura. Ao investigar a *literatura cômica popular* no período da Idade Média e do Renascimento, Bakhtin (2010 [1945]) afirma que, durante o período medieval, os atos, ritos e espetáculos cômicos ocupavam lugar importante na vida do homem. Eles apresentavam uma diferença em relação às formas de culto e às cerimônias oficiais sérias da igreja e do Estado feudal e, ao mesmo tempo,

ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles *viviam* em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de *dualidade do mundo* e cremos que, sem levá-lo em consideração, não se poderia compreender nem a consciência cultural da Idade Média nem a civilização renascentista (grifos do autor) (BAKHTIN, 2010 [1945], p.04-05).

Com isso, o carnaval, afirma o autor, acaba por ser a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso, patrimônio do povo que, ao contrário da festa oficial,

era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 2010 [1945], p.08).

O filósofo russo acrescenta que esse riso é modificado, dependendo do período histórico em que está inserido. Durante o Renascimento, por exemplo, há o florescimento do realismo grotesco, remetendo ao “inacabamento da existência” (BAKHTIN, 2010 [1945], p.28). Já, no Romantismo, o princípio do riso sofre uma transformação. Bakhtin (2010 [1945], p.33) diz que “no grotesco romântico o riso se atenua, e toma a forma de humor, ironia e sarcasmo. Deixa de ser jocoso e alegre”.

Em todos esses casos, no entanto, o princípio carnavalesco, segundo Bakhtin (2018 [1963]), abole as hierarquias, nivela as classes e cria outra vida, livre das regras e das restrições convencionais. Durante o carnaval, tudo o que é marginalizado e excluído, o insano, o escandaloso, o aleatório se apropria do centro, numa explosão libertadora.

Nesse período, todas as barreiras, todas as normas e proibições são temporariamente suspensas, estabelecendo-se um novo tipo de comunicação, baseado num “contrato” livre e familiar. É um período de alegria de abrangência universal, dirigida a tudo e a todos.

De acordo com Bakhtin (2018 [1963]), vive-se uma vida desviada de sua ordem habitual, sem restrições pois, durante o carnaval:

revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive etária) entre os homens (BAKHTIN, 2018 [1973], p.140).

A partir dessa ideia, Bakhtin (2018 [1963]) apresenta quatro categorias acerca da desigualdade e da liberdade, das relações entre as coisas e de suas contradições, representadas nesse período carnavalesco pela vida desviada da ordem habitual do que foi vivido durante milênios pela massa popular na Europa.

A primeira delas é o *livre contrato entre os homens*: elimina-se a distância entre os homens, não há hierarquia, e, portanto, liberto de qualquer poder hierárquico, o comportamento, o gesto, a palavra e as relações entre os homens não são mais determinadas pela lógica do cotidiano não carnavalesco.

A *excentricidade* é a segunda categoria apresentada pelo autor. Ela está relacionada à categoria do contato familiar e permite que se revelem e se expressem aspectos ocultos da natureza humana.

Outra categoria, relacionada à familiarização, são as *mésalliances carnavalescas*, na qual a tudo (valores, ideias, fenômenos e coisas) se estende a livre relação familiar e, dessa forma, o carnaval aproxima o elevado com o baixo, o grande com o insignificante etc.

Por fim, a quarta categoria, que está relacionada à combinação do sagrado com o profano, é a profanação formada pelos sacrilégios carnavalescos, pelas indecências carnavalescas, pelas paródias carnavalescas dos textos bíblicos, pelo jogo com o símbolo do poder etc.

Essas categorias, ressalta Bakhtin (2018 [1963]), estão presentes nas ações carnavalescas, uma vez que indicam mudança e renovação, o deslocamento da vida em seu curso habitual e a ambivalência presente inclusive no riso carnavalesco.

O riso carnavalesco, segundo Bakhtin (2018 [1963], p.145), “está dirigido contra o supremo, para a mudança dos poderes e verdades, para a mudança da ordem universal”. O riso⁶ carnavalesco “pertence ao processo de mudança, à própria crise” e expressa uma opinião sobre o mundo.

Nos diversos gêneros que circulam na sociedade, dentre os quais a charge, podemos perceber essa irreverência e a inversão dos valores, muitas vezes, defendidos por grande parte da elite econômica como corretos e melhores para a sociedade, por meio de uma linguagem carnavalesca, com a qual se critica, se ri e se demonstra uma necessidade de mudança e de renovação na sociedade.

No tocante à linguagem carnavalesca, de acordo com Bakhtin (2018 [1963]), ela é inerentemente anarquizante e milita contra a sistematização rígida imposta por quem está no poder. Para o autor, o embate ideológico localiza-se no centro vivo do discurso, seja na forma de um texto artístico ou numa conversa cotidiana. Nos discursos sociais, cada palavra é dirigida a um interlocutor específico, numa situação específica e está sujeita a pronúncias, entonações e alusões distintas. Os sujeitos, por sua vez, estão engajados no jogo do poder, presos em hierarquias artificiais originárias de hegemonias políticas e de opressões culturais.

Levando em consideração essas questões sobre carnavalização, podemos dizer que, em alguns gêneros, alguns autores criticam, de forma irônica⁷ e sarcástica, discursos dos que se encontram numa situação hierárquica ou financeira mais privilegiada que outros, ou seja, utilizam-se de uma linguagem que corresponde à linguagem carnavalesca apresentada pelo autor russo. Assim, os chargistas, por exemplo, destacam não apenas o que ocorre na sociedade, mas levam os leitores a se posicionarem diante de uma situação.

Como analisamos o sentido das charges, é importante ressaltar que, embora a ênfase dada pelos estudiosos, ao se trabalhar sentidos do texto, seja quase sempre no verbal, a imagem é

⁶ O riso será tratado aqui como “um tipo de discurso que instaura, em vez da certeza, a possibilidade; em lugar do unísono, o ambivalente; em vez do maniqueísmo, a tensão e o elemento instável” (ALAVARCE, 2009, p.72). Assim, consideraremos que o riso aparece nas charges com a função de questionar as certezas, as verdades absolutas, caracterizando o riso carnavalesco nelas presentes, ou seja, a liberdade do riso propõe uma discussão sobre verdades preestabelecidas, ensejando novas possibilidades de pensamento. Ademais, consideraremos o riso como ato político de denúncia e nunca oposto ao sério, pois, de acordo com Bakhtin (2010, p.105), no Renascimento, “o verdadeiro riso ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o” e “impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana”.

⁷ Importante destacar que, de acordo com Brait (2008), a ironia pode ser usada como mecanismo dialógico de confronto, defesa e argumentação. Além disso, ela auxilia no desvendamento de valores morais, culturais e sociais de uma sociedade. A autora ressalta que a ironia só se realiza quando o produtor da ironia procura chamar a atenção do enunciatário para ter sua adesão. É relevante frisar também que, na Idade Moderna, o sério se apresenta como inacabado na Literatura, “fruto de um problema apresentado cujas respostas ainda estão em construção”, como afirma Calazans (2021, p.101), o que pode ter aberto espaço para a ironia, que, embora ligada ao discurso cômico, não é necessariamente engraçada.

fundamental para a construção dos sentidos. Segundo Dionísio (2006), imagem e palavra mantêm uma relação integrada. Com o advento de novas tecnologias, novas imagens, novos *layouts* foram criados e divulgados para uma ampla audiência. Representação e imagens revelam as nossas relações com a sociedade e não apenas formas de expressão para divulgação de informações.

Brait (2009) reforça essa ideia, quando afirma que, em determinados textos, a articulação entre elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel. Nesses textos, segundo a autora, a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual. Nesse caso, o verbal e o visual participam com a mesma força e importância na construção do sentido.

Com isso, Brait (2013, p.44) chama a atenção para a importância de estudos que envolvam a dimensão verbo-visual de um enunciado, pois a linguagem verbal e visual desempenha papel constitutivo na produção de sentidos. De acordo com a autora, isso já era apontado pelos estudos de Bakhtin e do Círculo, e trouxeram contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal. Assim, as sequências verbais e visuais definem o enunciado como um todo verbo-visual, postula Brait (2013).

Vale salientar também que as imagens são históricas e dependentes de variáveis técnicas e estéticas que fazem parte do contexto histórico de quem as produziram e das diferentes visões do mundo que existem na sociedade, como afirma Mauad (2004).

Percebemos, a partir dessas observações, a importância de se levar em consideração a imagem atrelada ao texto verbal, uma vez que a linguagem não-verbal é essencial para a compreensão de diversos gêneros. Além disso, ela também fala por si só, por meio das cores e dos gestos das personagens. Por essa razão, a imagem é determinante para a interpretação adequada desse gênero.

Para melhor observar o que dissemos, selecionamos duas charges que mostram como as relações de poder na sociedade estão associadas a cor, hierarquia e poder socioeconômico. Essas relações são questionadas com escárnio e, muitas vezes, levam o leitor a pensar sobre a situação na qual ele está inserido e buscar uma mudança para aquela realidade.

4 Análise

O *corpus* deste trabalho faz parte uma pesquisa mais ampla sobre denúncias de racismo no gênero charge. Fizemos um recorte aleatório de duas charges publicadas em momentos que dados empíricos são divulgados evidenciando a violência contra a população negra. O percurso metodológico

por nós adotado se respalda no pensamento bakhtiniano sobre a linguagem de natureza dialógica, ideologia e carnavalização, bem como alguns teóricos que analisam a dimensão verbo-visual da linguagem. As noções teóricas foram definidas pelo próprio *corpus*, pois é ele que as suscita e, conseqüentemente, determina procedimentos para as nossas discussões.

Para esta análise, selecionamos duas charges que mostram como a crítica ao racismo está presente de maneira irônica e sarcástica nesse gênero discursivo, e como esse problema está associado à cor e à hierarquia. Veremos assim como essas relações são questionadas, por meio de uma linguagem carnavalizada, levando o leitor a refletir sobre a situação criticada pelo chargista.

No *corpus* coletado, as charges mostram o negro pobre como maior vítima da violência e, conseqüentemente, do Estado que se exime da responsabilidade de protegê-lo. Na verdade, essa violência permanece na sociedade e, em quase todos os momentos, permitimos que pessoas negras sejam tratadas de forma diferenciada da branca, não possibilitando igualdade entre todos.

Para compreensão da linguagem nesse gênero, é necessário levar em consideração o contexto e o meio de circulação em que ela foi publicada. A charge (1)⁸ foi publicada no site *ponte.org* em 06 de junho de 2017, com o título “Negros são as maiores vítimas da violência”. Ela surge num contexto em que aparece o resultado de um estudo intitulado “Atlas da Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas⁹” no site *CartaCapital*. A reportagem destaca o Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, na qual revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

No site da revista *Exame*, também encontramos uma reportagem: “Brasil teve recorde de homicídios em 2017; negros são os mais afetados”¹⁰. No ano de 2017, o Brasil atingiu a maior taxa de mortes violentas em uma década, com 65.602 homicídios registrados nos 26 estados mais no Distrito Federal. Os números são da nova edição do Atlas da Violência, lançado em 2017, com base no Sistema de Informações divulgadas sobre mortalidade do Ministério da Saúde. Tanto na *Carta capital* quanto na *Exame* são divulgados dados do Atlas da Violência no Brasil.

⁸ Disponível em: <https://ponte.org/charge-negros-sao-as-maiores-vitimas-da-violencia/>. Acesso em: 23/08/2021.

⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas/>. Acesso em: 23/08/2021.

¹⁰ Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-teve-recorde-de-homicidios-em-2017-negros-sao-os-mais-afetados/>. Acesso em: 23/08/2021.

Figura 1:



Charge por Junião - ponte.org (Ponte Jornalismo)

Nessa primeira charge, observamos, por meio da imagem, que as mães aparentemente pertencem à mesma classe social (indicada por suas roupas simples, pelo fato de ambas não estarem em um carro e provavelmente indo trabalhar), porém seus discursos revelam preocupações diferentes. Fica evidente que essas preocupações são diferenciadas por se relacionarem a pessoas brancas e pretas, que recebem tratamento diferente na sociedade, algo tido como “comum” para muitas pessoas no Brasil, uma vez que, comumente, o branco é visto como trabalhador e o preto como marginal.

Podemos observar também que tanto o verbal como o visual são importantes para a compreensão do sentido do texto, e definem o enunciado como um todo verbo-visual. Sem as cores e sem o verbal – enunciado acima da imagem (que afirma serem os negros as maiores vítimas da violência) e falas das mães (que demonstra preocupações diferentes em relação aos filhos) – não conseguiríamos perceber a crítica feita pelo chargista. Ademais, fica evidente como a cor da pele é um fator crucial na vivência da cidadania.

Em vista disso, notamos que a carnavalização está presente na fala da mãe negra, pois, no momento em que despede do filho, pede que ele consiga voltar vivo do trabalho, diferentemente do desejo da mãe de cor de pele branca, o que destaca a ironia da vida de pessoas com cor de pele distintas em uma mesma sociedade que deveria tratar todos de forma semelhante, mas não trata.

Dessa forma, a charge apresenta o perigo enfrentado cotidianamente por um jovem negro. Numa simples despedida, encontramos um tom de denúncia ao que acontece com a população negra que é exterminada e vítima dos mais absurdos casos de preconceito. A charge, que traz de maneira irônica vozes de denúncia contra os menos favorecidos, mostra um sistema que não favorece os negros. Por mais que existam leis, proibições e restrições – o racismo é crime inafiançável – que determinam a vivência pacífica e respeitosa na sociedade, infringem-se todas essas normas diariamente.

A carnavalização que aparece através da ironia denuncia a marginalização de alguns grupos na sociedade (em ocorrência, o negro), mas tenta inverter a realidade social desse grupo, apontando que existe um segmento importante da sociedade marginalizado, separado de outros grupos, excluído da sociedade e perseguido por ela. A ironia, portanto, é utilizada como estratégia pelo chargista para promover a subversão à “ordem” estabelecida, bem como, um instrumento de crítica social e de denúncia das injustiças cometidas contra os negros.

Percebemos que a carnavalização presente no gênero charge permite a noção de inversão de valores, pois imagem e palavra fundem-se para mostrar sarcasticamente uma realidade, levando o leitor à reflexão sobre o factual e a uma possível reação, a partir de um acontecimento, que poderá provocar a mudança dessa realidade. No caso da charge 1, a mudança é relativa à conscientização de pessoas brancas ou pretas que devem ser respeitadas igualmente.

Observamos também que, dentre as quatro categorias presentes no carnaval, a *distância* entre os homens é eliminada, pois a posição valorativa do autor das charges está liberta de qualquer posição hierárquica e da ordem habitual. O chargista denuncia que existe um tratamento desigual para brancos e pretos e que esse tratamento parte provavelmente de pessoas que estão em posição hierárquica superior na sociedade. Além disso, percebemos a presença da *mésalliance* carnavalesca com a familiarização dos valores e ideias, a partir da crítica às atitudes de quem está hierarquicamente no poder. Compreendemos também que há *excentricidade* carnavalesca na charge, pois o chargista critica o que é comumente aceito na sociedade – pessoas negras sofrem violência diariamente –, levando o leitor a refletir sobre uma possível mudança do habitual.

No tocante ao riso carnavalesco, que pertence ao processo de mudança, notamos que esse riso aparece como escárnio, como ironia, como uma concepção de mudança de mundo. Por meio dessa ironia, dessa crítica feita na charge, o povo toma consciência dos dois mundos nos quais vivem quem oprime e os oprimidos – geralmente negros pobres. Dessa forma, a carnavalização presente na charge incita uma reação da sociedade às injustiças cometidas contra os negros, a partir do momento em que uma coletividade compreende a sua realidade.

A linguagem presente na charge também destaca valores presentes na sociedade, por meio de pontos de vista. As opressões de raça são demonstradas e, com isso, o autor busca promover a aproximação entre diferentes atores da sociedade para a sobrevivência dos pretos. Fica clara a intenção do chargista ao criticar as injustiças cometidas contra os negros, ao mesmo tempo, que ele responde aos dados da violência no país, dialogando com outras vozes sociais, que têm a mesma

inquietação ao se deparar com esse tipo de atrocidade social. Se a linguagem só faz sentido quando considerado o contexto em que foi produzida, os enunciados verbo-visuais da charge discutem o tema da violência que se tornou comum no dia a dia do cidadão.

Além disso, observamos que a charge tem o propósito de comentar e se posicionar de forma condensada sobre fatos contemporâneos e estabelece a relação discursiva entre os eventos. Nesse caso, embora essa charge (1) tenha sido publicada num momento em que foram divulgados dados sobre a violência no Brasil, aborda um tema que ainda é atual na sociedade, o que nos leva a crer que muitas vezes, dependendo do tema, as charges são atemporais e podem servir para outros contextos. No caso do racismo, vemos que nada (ou quase nada) mudou com o passar dos anos. Essa charge evidencia como a cor da pele é um fator crucial na vivência da cidadania e nos problemas para os negros e mestiços no Brasil.

As relações dialógicas com outros discursos que demonstram as atrocidades contra os negros estão presentes também na charge (2).

Figura 2:



Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/igualdaderacialnosus/charges.php#>

A charge (2) foi publicada em 2010 no site www.ccms.saude.gov.br e aparece junto à notícia com a informação de que a taxa de homicídio da população negra passou de 35,9 para cada 100 mil negros. Já a taxa de homicídios de brancos foi de 15 para cada 100 mil brancos no mesmo ano. A página tem uma apresentação da mostra da igualdade racial no SUS, com vários *posts* contra o racismo defendendo a liberdade e destacando a cronologia do movimento negro no mundo.

Nessa charge, a imagem retrata pessoas pretas vítimas da violência, o que se confirma com o que está escrito na lápide e é com a fala da esposa da vítima que, juntamente com os filhos pequenos, chora pela ação violenta de quem deveria ter apenas interrogado o cidadão, mas que, por ele ser preto e pobre, foi morto pelos que ironicamente deveriam protegê-lo.

Destacam-se também na imagem as crianças pretas descalças e seminuas juntas à mãe, complementando o texto verbal, que indica a situação socioeconômica da família. A leitura do verbo-visual mais uma vez é essencial para a compreensão do enunciado e nos remete à uma realidade que é sarcasticamente apresentada na charge.

A carnavalização se revela por meio de uma ironia que comporta uma inversão do que deveria ocorrer na realidade: o cidadão negro não morreu em um assalto, algo comum na sociedade, mas morreu em um interrogatório, feito provavelmente por quem deveria cuidar da segurança dele. Dessa forma, a violência contra os negros é mostrada e criticada por meio das imagens e pelo que dizem as personagens, pois retratam a relação entre os oprimidos, vítimas da violência constante, e os opressores, que assumem o poder na sociedade: o branco, o rico e as instituições que compõem o país e, até mesmo, pelos seus “iguais”, policiais pobres e negros.

Mais uma vez, percebemos que a carnavalização presente no gênero charge permite a noção de inversão de valores: imagem e palavra fundem-se para mostrar sarcasticamente uma realidade. Isso possibilita que o leitor analise a realidade e lute por mudanças. No caso da charge (2), a mudança é relativa à postura dos policiais, e à conscientização de quem eles são e como devem proceder com as pessoas pretas e pobres.

Observamos novamente que, dentre as quatro categorias presentes no carnaval, a *distância* entre os homens é eliminada, pois o autor das charges se posiciona axiologicamente, libertando-se de qualquer posição hierárquica e da ordem habitual. O chargista denuncia a ação de quem é hierarquicamente superior na sociedade, em suas ações covardes contra o preto pobre – e age com violência por se sentir superior a ele. Percebemos também que a *excentricidade* carnavalesca está presente na charge (2), pois o autor critica o que é comumente aceito, levando o leitor a refletir sobre uma possível mudança do que é habitualmente aceito: a violência policial contra o preto pobre.

No que diz respeito ao riso carnavalesco, que pertence ao processo de mudança, novamente esse riso aparece como escárnio, como ironia, como uma concepção de mudança de mundo: zomba-se da humilhação daquele que humilha o preto, algo habitual para a população, mas que pode e deve ser modificado. Dessa forma, a partir dessa ironia, e da crítica feita nas charges, o povo toma

consciência da realidade em que vive; além disso, o opressor e suas atitudes autoritárias e preconceituosas são denunciadas e criticadas. Portanto, a carnavalização presente nas charges incita uma reação a partir da compreensão de situações de injustiças presentes na sociedade.

Sendo assim, podemos dizer que as duas charges dialogam pelo tom de denúncia que assumem contra as atrocidades cometidas contra os negros. O tom demonstra o que os enunciados da charge possuem, deixando evidente os valores expressos tanto na charge, quanto nas publicações em geral do site no qual ela se encontra. Constatamos também a linha dialógica que revela a consciência antirracista do Sistema Único de Saúde (SUS), já que a charge surge num momento de tensão entre as vozes das autoridades policiais e da população negra.

Notamos ainda como o poder é legitimado por meio das estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade, pois fica evidente a ação da força policial contra o negro, reforçando a ideia, nas duas charges analisadas aqui, de que os sujeitos estão engajados no jogo do poder, inseridos em hierarquias políticas e de opressões sociais e culturais.

A charge (2) tem o objetivo de satirizar e criticar a violência policial contra os negros, por meio do verbal e do visual, inseparáveis da entonação, dos afetos e dos valores, deixando evidente como a entonação nos ajuda a refletir sobre o racismo e suas consequências. Percebemos outra vez como essa relação verbo-visual contribui para a compreensão do sentido do texto, que sarcasticamente destaca a realidade do preto pobre no Brasil. Essa carnavalização, na verdade, expressa uma reflexão sobre a ordem no mundo real, sugerindo uma ordem contrária ao evento criticado por meio da entonação.

A linguagem utilizada na charge, portanto, assume um tom de denúncia contra o racismo, uma vez que ela é ideológica. E mesmo consciente de que os policiais agem de maneira diferente com seus interrogados (pois a posição que ocupam justifica seus atos, inclusive, como elemento de dominação), o chargista, utilizando-se da linguagem carnavalesca, revela a contradição da sociedade em aceitar a atitude dos policiais. Assim, os autores das charges acabam assumindo um posicionamento inseparável de suas ideologias e de seus julgamentos de valor.

Considerações finais

Nas duas charges analisadas, observamos que ainda hoje o negro sofre algum tipo de violência por parte da polícia, ou pode vir a sofrer pelo fato de ser negro, e não apenas por ser pobre. Além da

ação contra o negro, as charges denunciam, por meio de uma linguagem carnavalesca, irônica e sarcástica, a diferença de tratamento dada pela polícia e por outras autoridades ao branco e ao preto.

Assim, as injustiças, as opressões culturais, a violência e as angústias do dia a dia dos negros, dentre outras coisas, são evidenciadas, por meio de uma linguagem verbal e visual, caracterizando, dessa forma, uma linguagem carnavalesca, uma vez que ao expor e criticar, também reivindica indiretamente uma mudança na estrutura social e na forma como ela construiu e mantém as relações sociais e de poder entre os membros da sociedade.

Percebe-se com isso que, mesmo que o Estado assegure para todo cidadão direitos à educação, à saúde e à segurança, nitidamente, para a população negra, esses direitos não são assegurados, pois é uma das que mais sofre diante da postura das autoridades, que deveriam cuidar para que esses direitos fossem garantidos.

Encontramos nas charges analisadas uma sátira às situações sociais e atuais que despertam o interesse público para discussão e ação. Dessa forma, a situação alarmante do extermínio da população negra é explicitada e pode contribuir para a conscientização das autoridades políticas e de toda população em geral.

Dessa maneira, o que é considerado “normal” para a sociedade, como a violência policial contra os negros, pode ser repensado. Por meio da linguagem carnavalesca, pode-se militar contra o poder do opressor, e, ao mesmo tempo, mostrar as injustiças sociais e a possibilidade de mudança, como foi visto nas reflexões acima. Podemos dizer, então, que o estudo dessas injustiças através da linguagem da charge é de fundamental importância para que tenhamos consciência de como alguns discursos são elaborados para favorecer grupos dominantes da sociedade e outros para combater essa dominação.

Esse discurso das charges não é elaborado aleatoriamente, ele é uma resposta ao que já vem sendo construído como normalidade pelo discurso de grupos que estão em situação mais favorável do ponto de vista hierárquico e socioeconômico na sociedade. Sendo assim, é necessário que saibamos interpretá-los criticamente sem a ingênua ideia de que o discurso não é dotado de intencionalidade, mas que todo ele está relacionado com o poder, o poder de quem domina e de quem quer continuar dominando. No caso aqui, as charges criticam o discurso e as atitudes racistas tidos como normais, mas que geram atitudes violentas contra o preto.

Sobretudo, é importante que tenhamos consciência de que essa linguagem associada ao poder pode ser desconstruída, por meio de uma linguagem carnavalesca, por exemplo, que denuncia as injustiças, suprime as hierarquias, bem como defende a liberdade de expressão, uma vida digna e a igualdade entre os cidadãos, para que a sociedade possa pensar a respeito dessas questões e sobre a possibilidade de construir uma sociedade mais igualitária para todos, independente de cor e de raça.

A cosmovisão carnavalesca “determina-lhes as particularidades fundamentais e coloca-lhes a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade”, diz Bakhtin (2018, p.122). O gênero charge, portanto, no qual imagem e palavra fundem-se para mostrar sarcasticamente uma realidade, pode levar o leitor à reflexão sobre o factual e a uma possível reação sobre um acontecimento, o que possibilitará uma mudança da realidade na qual está inserido.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: GUEDES, Niede Rocha.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: OLIVEIRA, Manoel Klebson Andadre.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: BARBUJO, Eduardo.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: LOPES, Diana Vasconcelos.

Referência

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações*: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ALMEIDA, J. M; OLIVEIRA, A. M. o poder da palavra: Linguagem, Ideologia e Educação. *Revista Húmus*. v. 6, n. 16, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/4671#:~:text=A%20palavra%20pode%20ter%20diversos,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20exist%C3%Aancia%20humana>.

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935].

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010 [1945].
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018 [1963].
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª ed. Campina: Unicamp, 2008.
- BRAIT, Beth. *A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual*. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.1, n.1, p.142-160, 1º sem. 2009.
- BRAIT, Beth. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*. *Bakhtiniana*, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.
- CALAZANS, Janaina de Holanda Costa. *O gênero das últimas questões: os quadrinhos de Mafalda e a menipeia*. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021.
- CUNHA, D. A. C. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da rede globo. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. <http://www.revistas.usp.br/linhadaqua/article/view/128319/133040>.
- CUNHA, D. A. C. Linguagem, diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião. In: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELENO, Pedro Farias (orgs.). *Linguagem e conhecimento* (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev). Campinas: Pontes Editores, 2019a. p.153-181.
- CUNHA, D. A. C. O outro no discurso: representação e circulação. In: DE PAULA L. e STAFUZZA G. *Círculo de Bakhtin: concepções em construção*. Campinas: Mercado de Letras, 2019b. p.53-78.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; & BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- MAUAD, A. M. Fotografia e história: possibilidade de análise. In: CIAVATTA, M. & ALVES, Nilda (org.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUZA, J. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017 [1929].
- VOLOCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Org., trad., ensaio introdutório e notas de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].